

ECONOMIA

Pacote deverá pressionar preços

Empresários dizem que vão repassar aos consumidores os custos da alta da Cofins

SÃO PAULO e RIO

Repasse do aumento de custos para os preços ao consumidor. Esse é, na opinião dos empresários, o principal efeito da decisão do Governo de extinguir a dedução da Cofins sobre o pagamento da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). Para as indústrias, a nova regra significará perdas da ordem de 0,64% no faturamento, segundo estudo divulgado ontem pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Segundo o diretor de Economia da Fiesp, Roberto Faldini, as empresas deverão cobrar do consumidor a tributação adicional, o que significa alta de preços. O presidente da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Omar Assaf, confirma que o consumidor deverá arcar com os custos adicionais:

— A sociedade vai pagar a conta de R\$ 1,2 bilhão que foi apresentada pelo Governo. Só resta saber como o bolo será distribuído entre as empresas e os consumidores.

O presidente da Apas lembrou que o setor trabalhou duro para evitar que a desvalorização do real levasse a repasses abusivos de preços por parte de fornecedores. Agora, diz que não há como brigar contra os repasses.

Sérgio Habermeld, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Embalagens (Abie), diz que no ano que vem o setor deverá repassar aumentos de 2% a 3%.

— Se não houver uma recessão brava, como esperamos que não haja, esse aumento de impostos vai para os preços — disse.

O diretor do Departamento de Competitividade Industrial da Fiesp, Mário Bernardini, diz que algumas empresas vão acabar abrindo mão de vender mais para repassar o custo adicional aos preços.

— O Governo está brincando com fogo — disse o diretor da Fiesp.

Energia e pedágio também poderão subir

• No Rio, as companhias de energia elétrica informam que também poderão reajustar suas tarifas. Segundo as empresas, o contrato das operadoras prevê a possibilidade de revisão das tarifas quando houver fatores que desequilibrem os custos, a exemplo da alteração na Cofins. Para isso basta as empresas requisitarem autorização para o aumento à Aneel. A Light e a Cerj informaram ontem que estão analisando o impacto das medidas para tomarem uma posição.

Segundo o economista Paulo Sidney Cota, da Fundação Getúlio Vargas, a energia elétrica já subiu 17% no ano e não se espera um novo tarifaço. Porém, se houver algum novo reajuste, a inflação poderá sofrer algum impacto.

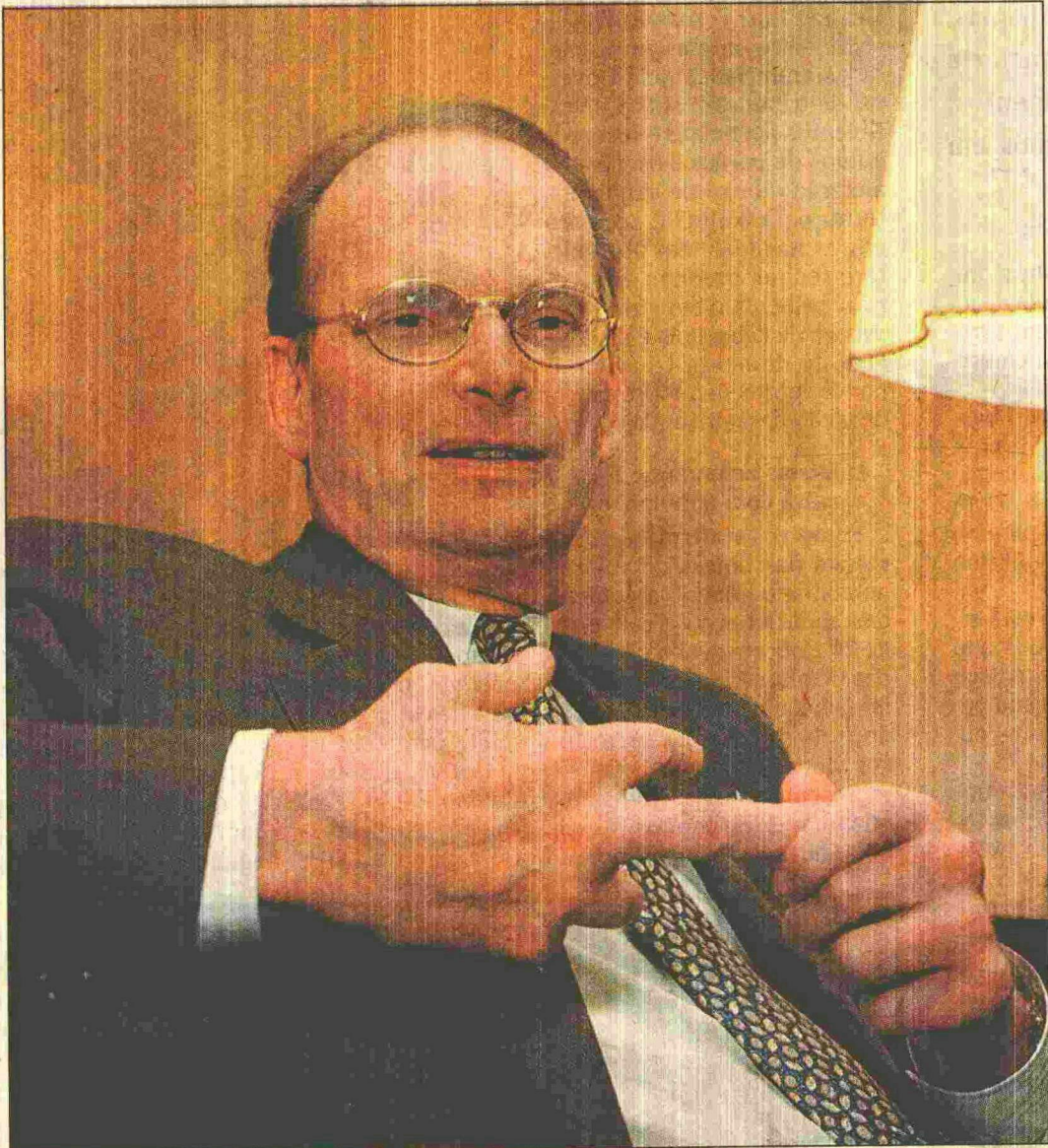
O diretor-presidente da Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias (ABCR), Moacyr Servilha Duarte, diz que as empresas ainda não têm a dimensão do impacto sobre as tarifas de pedágio. Duarte afirma que a alteração nas cobranças de tributos dá margem à revisão das tarifas. Mas diz que os contratos devem ser avaliados caso a caso.

— Ainda é cedo para avaliarmos qual será a dimensão do baque — diz ele.

Impacto menor sobre empresa que lucra mais

• Pelos cálculos do tributarista Ilan Gorin, quanto menor o lucro das empresas, maior será a carga tributária com as novas medidas. Uma empresa que declarar Imposto de Renda sobre o lucro real e tiver lucratividade de 10% pagará 350% a mais de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), enquanto a que tiver lucratividade de 20% pagará apenas 30% a mais.

Já as empresas que declaram IR sobre o lucro presumido pagarão 145% a mais de CSLL.



SÉRGIO HABERFELD, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens: pressão sobre os preços

Arquivo

A REAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS

"Se não houver uma recessão brava, como esperamos que não haja, esse aumento de impostos vai para os preços"

SÉRGIO HABERFELD • PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE EMBALAGENS (ABIE)

"A sociedade vai pagar a conta de R\$ 1,2 bilhão que foi apresentada pelo Governo. Resta saber como o bolo será distribuído entre as empresas e os consumidores"

OMAR ASSAF • PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE SUPERMERCADOS

"O Governo está brincando com fogo. A inflação só não subiu mais porque as empresas absorveram os aumentos de tarifas públicas, de oligopólios e monopólios. Mas isso tem limite"

MÁRIO BERNARDINI • DIRETOR DA FIESP

"Na primeira chance que tiverem, as empresas vão repassar esse acréscimo de custos para os preços. Esse processo deve ser mais rápido nos setores de maior concentração de mercado"

ROBERTO MACEDO • CONSULTOR DE EMPRESAS

"O Governo inverteu o sinal da atividade econômica no país. O sinal que ele que vinha dando para as empresas era 'go' (avance), e agora diz 'stop' (pare)"

JÚLIO SÉRGIO GOMES DE ALMEIDA • DIRETOR-EXECUTIVO DO IED